O Magnetismo nas Relações Sociais

A Submissão do Ser Humano através de suas Fraquezas

Por Nessahan Alita

(Inspirado em um livro de Eliphas Lévi)

Dados para citação:

ALITA, Nessahan (2002). O Magnetismo nas Relações Sociais: A Submissão do Ser Humano através de suas Fraquezas. Edição virtual independente de 2008.

Palavras-chave:

magnetismo - atração - encantamento - paixões - vontade

O Magnetismo nas Relações Sociais

Introdução

Neste pequeno ensaio tenho por meta demonstrar a necessidade de superarmos nossas fraquezas passionais: os desejos e os medos.

Por meio das fraquezas, estamos expostos à maldade e à manipulação. Somos vítimas de várias circunstâncias pela debilidade de nossa vontade.

O homem nasce da vitória sobre o animal, sobre o instinto. Vencer o instinto não é enfraquecê-lo ou suprimí-lo, mas dominá-lo, transcendê-lo, dirigi-lo e usá-lo em nosso favor. Em uma palavra: assimilá-lo.

A domínio sobre os instintos requer a morte dos egos, elementários, agregados psíquicos, eus, valores, complexos ou como queiramos chamá-los: os nossos defeitos. Nos confere um poder inigualável. Entretanto, aquele que fizer uso errado ou egoísta do poder será um criminoso e terá que responder por isso.

Apenas com a finalidade de dar orientação e permitir às pessoas que se protejam das malignas influências hipnóticas da vida é que forneço esses importantes conhecimentos sobre a manipulação do homem.

Esclareço que os conhecimentos contidos neste livro não apresentam nenhuma relação com as técnicas hipnóticas e/ou manipulatórias mas, ao contrário, resultam de reflexões filosóficas diametralmente opostas. A intenção deste trabalho é auxiliar as pessoas a resistirem a múltiplas influências hipnóticas, sugestões subliminares, influências psíquicas, manipulações mentais e fascinações, combatendo as nefastas influências de quaisquer técnicas e processos de ludibriação manipulatória que intensifiquem o adormecimento da consciência. Posiciono-me completamente a favor do despertar da consciência e radicalmente contra o seu adormecimento.

Desejo-lhe a vitória.

1. As atrações e repulsões

Em 29 de dezembro de 2002.

As relações sociais obedecem a princípios magnéticos como o fazem os corpos inanimados.

Os seres humanos instalam entre si e com o mundo relações de atração e repulsão: são atraídos pelo que gostam e repelidos pelo que detestam. Quando são irresistivelmente atraídos ou repelidos, atua o magnetismo universal.

Por trás das influências magnéticas estão as fascinações. A qualidade das mesmas determinam o que será atraente ou repelente. Quanto mais expostos à fascinação estivermos, mais vitimados pelas circunstâncias seremos.

Os fluxos magnéticos formam estruturas sociais que vão dos pares de casais, famílias ou parcerias de amigos até a humanidade inteira.

A força psíquica promove agregações sociais por afinidade simpática e desagregações por efeitos antipáticos. A simpatia se origina da convergência de desejos e a antipatia da divergência.

O sentido assumido pelo desejo é o fluxo da libido. Uma mesma pessoa possui múltiplos e conflitantes fluxos libidinais. Sua linha psicológica principal será determinada pelos fluxos libidinais predominantes, os quais a expõem ao perigo da manipulação por um inimigo astuto, que tenha experiência na dominação dos sentimentos alheios.

Os manipuladores intensificam a simpatia ou a antipatia por meio da excitação dos desejos conscientes e, principalmente, inconscientes de sua vítima, levando-a à dependência, à entrega e à submissão completas. O segredo de seu perverso poder é a engenhosa estratégia de identificar as

paixões da vítima que lhe serão úteis, estimulá-las e acentuá-las. A vítima deste modo é induzida, inconscientemente, a adorá-lo, temê-lo ou odiá-lo.

A força magnética é muito perigosa. Seu poder de atração pode ser muito intenso e nos fulminar. Para movimentá-la precisamos de um ponto de fixidez, o auto-centramento, o qual é obtido por meio da dissolução dos complexos que nos confere liberdade comportamental e o poder de resistir às atrações e repulsões fatais do magnetismo universal.

É sempre conveniente, na medida do possível, evitar antipatias mas para tanto é necessário dissolver os egos. A antipatia não nos é em geral favorável a não ser que disponhamos de intensa dose de simpatia para lhe fazer frente de maneira muito segura. Devemos evitar ao máximo a constelação de antipatias.

Quando mexemos na corrente magnética, isto é, no fluxo libidinal interpessoal ou intrapessoal, desencadeamos reações. A presciência das mesmas é fundamental para não sermos fulminados.

O meio para determinar simpatias e antipatias é a observação. Por meio da observação o manipulador descobre quais são os objetos de amor e de ódio. A afinidade simpática se estabelece pela correspondência de atitudes, pela convergência de comportamentos. Se atuarmos contrariamente ao que alguém detesta e favoravelmente ao que alguém ama, entraremos em afinidade simpática.

Para se superar uma grande antipatia é preciso uma dose superior de simpatia. A supressão de um ódio ou mágoa imensos requer a aplicação exaustiva do magnetismo em sentido contrário e proporcional à hostilidade sentida.

Somos seres altamente mecânicos. Reagimos aos acontecimentos automaticamente e dentro de padrões detectáveis. Para sermos induzidos a

ações ou estados de mente e sentimento, basta que o manipulador conheça a forma de provocá-los.

Por exemplo, induzimos alguém que sente prazer na oposição gratuita a defender nossas idéias quando fingimos defender idéias opostas às que em realidade são as nossas. Induzimos um fofoqueiro a propagar uma notícia quando lhe pedimos para ocultá-la sob a alegação de ser um grande segredo. Assim age o manipulador.

O primeiro passo na manipulação é a identificação dos condicionamentos do outro. O segundo passo é descoberta do agente desencadeador da ação mecânica. O terceiro passo é a instrumentalização desse condicionamento, a descoberta de situações em que o mesmo é útil aos nossos propósitos. Então basta "apertar os botões" e as reações se desencadeiam.

O manipulador faz um levantamento dos condicionamentos comportamentais e dos objetos que exercem atração e repulsão em sua vítima. Então os utiliza conforme as circunstâncias.

Quando as reais intenções do manipulador são percebidas, sua imagem sofre um desgaste perante a vítima. Para recuperá-la, este precisará agir como se o objeto de seu desejo fosse altamente desinteressante e, em seguida, dar continuidade aos atos encantadores.

Na manipulação opera-se por alternância. Não se opõe força contra a força mas, ao contrário, se intensifica e instrumentaliza os fluxos de força existentes. A insistência em uma única direção produz um fluxo de força resistente na direção contrária. A lisonja e o carinho contínuos e excessivos conduzem à irritação e ao fastio. A indiferença e o desprezo contínuos consolidam a frieza e afastamento.

O manipulador combina dialeticamente os opostos: toma atitudes encantadoras ao mesmo tempo em que simula estar desinteressado. Então

vai acompanhando a evolução do processo de enlouquecimento de sua vítima.

Pode-se induzir no outro estados internos por simpatia ou antipatia. Todas as nossas atitudes desencadeiam no outro reações mecânicas contra as quais se é indefeso. Para instrumentalizá-las, basta observar os efeitos de cada atitude e descobrir situações em que seriam desejáveis.

As pessoas reagem automaticamente ante as circunstâncias, de modo padronizado. São absolutamente manipuláveis através de um jogo de atração e repulsão que corresponde ao fluxo do magnetismo universal.

A voz e o olhar são poderosas ferramentas de encantamento. Induzem a atitudes de modo facilmente verificável.

Encarar ou ofender verbalmente um homem de natureza exaltada é induzí-lo, sem chances de defesa, a criar um conflito e cair em estados psicológicos negativos.

A simpatia se estreita e intensifica quando alguém toma as idéias do outro e a desenvolve e amplifica como se fossem suas através da palavra. Ao endossar as frases do próximo, estará cumprindo sua vontade.

O contato contínuo mas não desgastante por insistências unilaterais é essencial no instalação da simpatia ou antipatia. A distância prolongada induz ao esfriamento, à neutralidade.

Em torno de um objeto de desejo ou de ódio, pode-se criar toda uma cadeia magnética envolvendo um número infinito de pessoas.

Obviamente, o desejo está contido no ódio sob forma de intensos impulsos de buscar a distância ou de ocasionar danos ao objeto detestado. Querer afastar-se de uma situação é quase o mesmo que querer aproximar-se da situação oposta.

Nos níveis inconscientes da psique, o magnetismo apresenta liberdade de direcionamento e intensidade em seu fluxo. Continuamente nos influenciamos reciprocamente sem o perceber. Eis o perigo do manipulador hábil.

O manipulador hábil consegue enxergar a parte oculta da psique alheia. Identifica e instrumentaliza fraquezas que a vítima desconhece possuir para transformá-la em um fantoche excitando suas debilidades e induzindo crenças.

Os padrões de atração e repulsão de cada pessoa apresentam um estrato individual, exclusivo dela, e um estrato coletivo, compartilhado com outras pessoas ou até mesmo com a humanidade inteira.

A simpatia se instala quando uma pessoa considera que outra a auxiliará a realizar seus desejos. Antipatia se instala na situação oposta: quando a satisfação do desejo é ameaçada.

Opor-se à satisfação do outro é torná-lo nosso inimigo e favorecê-la é torná-lo nosso amigo. Dar livre curso aos desejos alheios é tornar a si mesmo de algum modo útil e necessário ao outro.

Contra os próprios desejos, a resistência dos seres humanos comuns é nula por não terem dissolvido o ego. Não se tem notícia da existência de alguém que se torne inimigo de uma pessoa por ter sido auxiliado pela mesma na satisfação de seus desejos, sonhos, anelos etc. Depreende-se, assim, que este é um ponto fraco que nunca se fecha. Tal abertura à manipulação é utilizada pelos malfeitores expertos mas pode também ser aproveitada em casos justos nos quais precisamos nos defender ou ajudar alguém.

Uma vez excitada a paixão ou desejo, seu portador se mobiliza para satisfazê-las, atirando-se em direção ao objeto cobiçado como uma bala de revólver em direção ao alvo. É algo absolutamente mecânico e irresistível.

O controle deste processo exige do manipulador a capacidade de influenciar sem ser influenciado, de encontrar nos impulsos alheios utilidades, de aceitá-los tal como se manifestam e de conhecer as palavras e ações que os intensificam.

São particularmente interessantes os casos em que o elemento manipulado acredita estar enganando o manipulador ao ter os seus desejos satisfeitos. As pessoas mais propícias a este tipo de enganação são as pouco evoluídas, muito primitivas e que querem sempre levar vantagem às custas do próximo. Obviamente, é exigida imensa frieza e indiferença por parte do elemento ativo para que ridicularizações, escárnio etc. sejam suportados com tranquilidade.

2. As cadeias magnéticas

Quando as vontades se unem, formam cadeias magnéticas (egrégoras). Por afinidade simpática, formam-se e propagam-se socialmente espontâneas cadeias de sentimentos comandadas desde o centro por indivíduos manipuladores. As cadeias podem ser de teor político, comercial, artístico, religioso etc. A abrangência temporal e espacial que possuem é variável.

As guerras são exemplos de cadeias magnéticas altamente destrutivas e se devem ao choque de cadeias antagônicas.

No atual mundo globalizado, formam-se cadeias simpáticas de abrangência geográfica internacional que podem ter como núcleo uma empresa, um governo, uma notícia, uma grande produção do cinema ou da arte.

Quanto mais extensa for uma cadeia simpática, maior será sua força. A força simpática se propaga pela comunicação entusiasmada contínua e se desencadeia por práticas sólidas.

Os seres humanos comuns necessitam de liderança. Um homem de gênio forma sua própria cadeia para atingir seus objetivos. Adquire um ponto de fixidez, a imobilidade psíquica, e desencadeia em seguida uma ação circular perseverante de iniciativas. Possui grande força de ação e direção. Se for um gênio do bem, utilizará sua força para ajudar seus semelhantes. Se for um gênio do mal, os levará à desgraça e terá que responder por isso. Hitler foi um gênio do mal. Hoje há muitos gênios do mal ativos.

O movimento do agente magnético é duplo e se multiplica em sentido contrário pois a cada ação corresponde uma reação equivalente (por exemplo: o privilégio concedido a alguém desencadeará a simpatia do beneficiado por quem o concedeu mas, ao mesmo tempo, provocará a

antipatia dos inimigos do beneficiado ao benfeitor). O segredo consiste em calcular as reações antecipadamente e evitar agir por impulso. Aquele que não se isola das correntes magnéticas é fulminado por não resistir à tentação de satisfazer seu desejo a despeito das reações contrárias e perigosas que sua satisfação possa desencadear. Cada ato cria uma sequência encadeada de efeitos em rede.

As opiniões circulantes influenciam diretamente a força do agente magnético formador da cadeia, motivo pelo qual é preciso avaliar cuidadosamente a abrangência e a profundidade das predisposições existentes, sob o risco de se desencadear uma catástrofe contra nós mesmos ou contra o mundo.

O amor é superior ao ódio por ser intrinsecamente simpático. Cristo foi crucificado por estar influenciando a multidão progressivamente e em um sentido contrário aos interesses dos centros das cadeias mais fortes de sua época.

As cadeias estão submetidas a um movimento pendular, evoluem e involuem. Uma cadeia finalizante é sucedida por uma cadeia oposta.

Atualmente (ano 2003), a cadeia simpática mundial que tem os EUA como centro entrou em lento movimento regressivo. Os democratas retardam esse processo histórico através de sua maleabilidade e os republicanos, seus antagonistas, o apressam através de atitudes unilaterais. George Bush acelera a difusão do anti-americanismo no mundo sem o querer e apressa, portanto, a derrocada do império dentro da escala temporal das idades das nações.

3. A resistência e a manipulação das correntes[1]

Uma chave utilizada pelos manipuladores para o encantamento e o enfeitiçamento é a capacidade de esperar os resultados de antemão e acompanhá-los lentamente, com paciência e sem ansiedade por atingir a meta. O pretenso encantador que esteja tomado de paixão fracassará por não suportar a espera. O mesmo necessita ir contra si mesmo, conter-se, para acompanhar a evolução do processo.

É impossível que alguém seja escravo e senhor ao mesmo tempo, com relação a um mesmo fluxo magnético. Se uma pessoa estiver imune à atração, será senhor do objeto; se for vitimada pela paixão, será escrava. É por isso que aqueles que tentam manipular as forças magnéticas para fins pessoais são fulminados mais cedo ou mais tarde.

Resistir às atrações e repulsões é resistir às tentações. Os agregados psíquicos são os fatores de debilidade. Quando mortos, estamos imunes à manipulação pois as fraquezas estarão eliminadas. Aqueles que não suportam as tentações colocam a satisfação dos desejos à frente dos efeitos colaterais das ações e se queimam ao tentar criar cadeias simpáticas que atendam aos seus desejos e concupiscências pois não possuem presciência das reações sociais que serão liberadas. A pessoa tomada por um dsejo está louca, sendo incapaz de julgar e discernir.

Quanto mais débil, propensa à histeria, nervosa, impressionável, fascinável e menos resistente psiquicamente aos acontecimentos for uma pessoa, maior será seu poder inconsciente de concentração e propagação da força magnética e sua atuação como elemento propulsor da cadeia. O entusiasmo é altamente contagioso.

---

[1] Existem manipulações sadias, utilizadas em legítima defesa, que não violentam o livre-arbítrio alheio e não atendem a fins egoístas. Seria melhor definí-las como “contra-manipulações”. Existem também manipulações egoístas e prejudiciais. Estas são ilegítimas e eu as combato.

Através de atitudes, o charlatão exalta a paixão alheia. Entretanto, a paixão concentrada é altamente contagiosa e pode fulminar o pretenso manipulador em um movimento retrógrado caso esteja tomado por desejo passional e não se isole da corrente magnética que concentrou e começou a movimentar. O isolamento se consegue pela recordação de si e pela morte dos egos.

Quanto mais mortos estivermos psiquicamente, tanto menos condicionados estaremos e tanto maior será nossa capacidade de nos comportarmos de maneira a simpatizar ou antipatizar com o outro.

A dissolução dos egos erradica os condicionamentos comportamentais, nos proporcionando liberdade interna para agirmos tanto de uma maneira como da maneira oposta, de acordo com as necessidades circunstanciais. Ao invés de vítimas, nos convertemos em senhores das circunstâncias.

Para dominar o fluxo dos acontecimentos é necessário, antes de tudo, não possuirmos condicionamentos comportamentais. Os condicionamentos comportamentais são fraquezas por onde somos manipulados pelas circunstâncias.

Aquele que se entrega a uma paixão não pode dominá-la pois está dominado. O simples aparecimento de um velhaco que o tome através desta paixão o converterá em escravo.

Aquele que estiver imune ao magnetismo, ou seja, à fascinação e, consequentemente, sem o condicionamento comportamental correspondente, pode influenciar algumas paixões do próximo por meio de outras paixões que o mesmo possua pois os fluxos libidinais de cada pessoa são múltiplos e conflitantes. Deste modo, podemos fazer com que uma pessoa que nos odeia passe a nos amar ou decepcionar alguém que nos admira. Toda ação,

atitude ou comportamento exerce em efeito sobre os sentimentos de quem a sofre ou presencia.

Enquanto tenhamos os egos vivos, seremos manipuláveis. Se, em um dado instante, alguém for incapaz de nos manipular, isto se deverá unicamente ao fato de não estar emitindo os comandos corretos. Somos robôs viventes, de carne e osso, autômatos que atuam mecanicamente de acordo com as circunstâncias. Basta que sejam apertados alguns botões para que tenhamos certos sentimentos, determinados pensamentos e executemos automaticamente as ações correspondentes. O que impede nossa total manipulação é unicamente o desconhecimento dos corretos comandos por parte do manipulador e não nossa resistência ao fatal poder do magnetismo universal. Este é o ponto central a ser compreendido.

O desconhecimento é a causa das tentativas de enfeitiçamento e encantamento que surtem efeitos contrários aos almejados. Explica, por exemplo, porque um homem que entrega flores de joelhos a uma mulher não conquista seu coração ao passo que outro que a ignora ou rejeita por considerá-la feia torna-se objeto de sua obsessão. O que ocorre aqui é um desconhecimento da mecânica do magnetismo: aquele que entrega flores não compreende que seu ato surte um efeito oposto ao esperado.

São fatos interessantes de se observar as provocações irritantes que visam enfurecer ou as agressões que visam ferir o próximo. O agressor/provocador necessita do sofrimento de sua vítima e atua de modo a alcançar esta meta, tendo por motivação a crença de que seu ato surtirá o efeito imaginado. Quando o efeito obtido com tais atitudes hostis é oposto ao esperado pelo manipulador, este sofre as consequências do processo que criou. Isso se chama "efeito especular do feitiço". O velhaco, ao tentar ferir, está movido pelo desejo de causar sofrimento e, portanto, submetido a uma paixão. Se a psiquismo da vítima, por sua peculiaridade natural ou treinamento espiritual, repele a força magnética, isto é, não aceita a influência, a paixão do agente não é satisfeita e o mesmo sofrerá na

proporção dos seus desejos de causar o mal, os quais se converterão em verdadeiros parasitas interiores que o tragarão vivo. Por isso se diz que o feitiço repelido retorna àquele que o lançou. Exemplos: se um homem tenta me ridicularizar ou irritar e descobre que seu ato provocador me faz bem ao invés de mal, por eu considerar sua atitude ridiculamente engraçada ou agradável, sentirá em si mesmo os estados emocionais negativos que havia destinado a mim; então se enfurecerá com a intenção de me amedrontar para que eu sofra com o medo mas, se descobrir que considero suas ameaças vãs por serem visivelmente inofensivas, sofrerá mais ainda. Seu sofrimento será diretamente proporcional à sua impotência em me fazer mal. Seu sofrimento somente irá abandoná-lo quando conseguir me causar algum dano. O fracassado manipulador insistirá dia e noite na tentativa de transferir sua dor para mim. Sua situação será ainda pior se eu não lhe houver dado nenhum motivo para me odiar. Então, neste caso, eu terei repelido todos os seus fluxos magnéticos, todos os seus feitiços e tentativas de hipnotização. Apesar de eu estar aparentemente passivo, minha ausência de reação e meu silêncio serão sentidos como atos provocadores de múltiplos sentimentos e pensamentos resultantes do trabalho involuntário da mente do inimigo, a qual então irá corroê-lo[2]. A morte do ego nos transforma em um espelho que refrata os feitiços. Exemplo: um vendedor que fracassa em encantar o cliente, um sedutor que se apaixona miseravelmente por uma mulher que tentou encantar etc.

---

[2] Vale a pena inserir mais um exemplo hipotético. Se A age de modo a tentar provocar a fúria de B, A comete um ato de vontade. Se B se enfurece, B submeteu-se pela paixão à vontade de A. Se B, porém, se determina a não aceitar a provocação, B contrapõe sua vontade à vontade de A. Se a vontade de B for mais forte que a vontade de A, será A o submetido e B poderá comandá-lo. Ao resistir à provocação, B poderá, se tiver uma vontade poderosa e livre das influências provocativas, chegar até mesmo a cometer atos de benevolência em relação a A e "viciá-lo" em tal.

É importante emanciparmos a vontade, torná-la livre das influências das circunstâncias, o que se consegue por meio da morte dos egos.

4. A manipulação e a instrumentalização das crenças

Um dos requisitos para provocar a paixão é ocultar esta intenção para que o ego da vítima não reaja à manipulação de sua mente. Caso esta chegue a tomar consciência das reais intenções do criminoso, reagirá com indignação ao fato de estar sendo manipulada e usada, compreenderá que os atos falsos e fingidos do manipulador têm como único objetivo o controle do seu comportamento.

O charlatão hábil faz a vítima crer que domina a situação e que o está enganando. A crença da vítima em sua autonomia é fundamental para evitar reações contrárias.

Os padrões individuais ou coletivos de reações mecânicas obedecem às crenças. Manipular crenças é manipular significados atribuídos e, por extensão inequívoca, as reações correspondentes. Os significados se fazem e alteram através de atitudes. O manipulador será tanto mais perigoso quanto maior for sua liberdade interna, ou seja, sua capacidade de tomar atitudes antagônicas dentro de uma mesma situação.

Por ser capaz de assumir o comportamento que quiser, o espertalhão induz crenças a seu bel prazer. Atua como santo para que creiam que é honesto ou como cafajeste para que creiam que é desonesto. Atua como tímido para que creiam que é covarde ou como arrogante para que creiam que é poderoso.

A força magnética habilmente instrumentalizada em manipulações da mente alheia é hipnótica. Um estado hipnótico induzido é um estado de crença. Se o hipnotizado for levado a crer que é um cão, latirá. Se for levado a crer que seu amigo vai matá-lo, tentará se defender travando uma luta de vida ou morte.

As crenças possuem intensidade variável, na proporção direta da qual influenciam a conduta. Acreditamos facilmente naquilo que desejamos ou tememos intensamente.

Induzir crenças é operar sobre a imaginação. Se estou convicto que fulano é um ladrão, é porque assim o imagino.

Os combates ideológicos, verbais ou corporais são definidos pelo poder de indução de crenças. Aquele que for induzido a crer que é inferior ao adversário será derrotado.

As crenças e imaginações definem, portanto, o sentido fluxional do magnetismo universal.

Aquele que odeia atua de acordo com o que acredita poder ferir o inimigo, física ou emocionalmente, porque sua intenção é prejudicar. Aquele que ama atua de acordo com o que acredita poder ajudar ou proteger a pessoa amada. O manipulador pondera previamente a respeito das reações de sua vítima com a intenção de prevê-las e desencadeá-las. Pergunta-se, diante do inimigo: de que maneiras esta pessoa tentará me prejudicar caso eu provoque o seu ódio? Em seguida busca benefícios ocultos entre as possíveis tentativas de danificação. Se o identifica, calcula as probabilidades de que a vítima reaja exatamente da forma prevista. Em seguida aperta os botões. As crenças do odiante condicionam suas ações em relação ao odiado. As ações do odiado são como botões psicológicos que ativam de forma exata certos comportamentos ao serem apertados. Tudo se resume em encontrar os botões corretos de acordo com os benefícios que busca o manipulador. Um erro de cálculo pode ser fatal. O ódio é um dos impulsionadores mais fortes do comportamento. Aqueles que eliminam o ego, eliminam os botões.

5. As tendências de instalação da crença

Os homens são tão inocentes que acreditam rapidamente em qualquer comportamento que os pilantras simulem. Também tendem a crer, sem duvidar, no que dizem pessoas que admiram ou amam.

Quando algo é dito para alguém através de palavras diretas, a pessoa tende mais facilmente a desconfiar do que quando é dito indiretamente, através de palavras que tenham o desdobramento desejado pelo manipulador ou através de comportamentos simulados. Este é o mecanismo da propaganda subliminar utilizada por muitas empresas e desenvolvidos por certos especialistas na arte de ludibriar os trouxas.

Parece-me sobremaneira difícil aos homens duvidarem dos comportamentos simulados. Basta que alguém simule desafiar um homem, ridicularizá-lo ou estar interessado em sua esposa para desviar rapidamente sua atenção de alvos que não tenham relação com esses pontos. Então o mesmo se converterá em vítima indefesa.

Uma mulher é incapaz de crer que um homem está fingindo quando este simula olhar para seus decotes ou para suas pernas. Um indivíduo arrogante não consegue desconfiar da autenticidade do comportamento daquele que simula ser submisso ou se envergonhar diante de seus ataques.

Conduz-se facilmente a crença alheia quando se tenta direcioná-las no rumo de suas tendências naturais: seus desejos e medos. As pessoas acreditam facilmente no que temem e no que desejam[3]. Deste modo, suas paixões são excitadas.

Para domar sua vítima, é fundamental ao charlatão enganá-la, fazendo-a crer através de atitudes manipulatórias. Mas o manipulador

[3] Nossa credulidade é menor em relação àquilo que nos deixa indiferentes porque neste caso não há paixão mas sim sóbria imparcialidade.

também pode se valer da fala indireta ou da fala direta a um terceiro que seja caro à vítima.

Um dos segredos da manipulação consiste em conseguir identificar as possibilidades de indução de crença no outro e instrumentalizá-las. O manipulador necessita saber em que campo aplicá-las e principalmente, diante da necessidade, saber qual é a melhor crença que poderá ser induzida. Se o manipulador falhar nesse cálculo, cairá no descrédito e seu poder magnético ficará reduzido.

A reação antipática do manipulador à forma peculiar de expressão do outro dificulta a manipulação. Ao invés de opor força contra força, tentando forçar a vítima a deixar de ter a atitude antipática, os mais astutos consideram estratégico receber e aceitar a pessoa tal como é e lhes chega, dirigindo suas crenças dentro das possibilidades fornecidas por suas tendências passionais naturais. Não é possível criar paixões novas mas é possível atiçar e excitar paixões latentes previamente existentes. A dificuldade está em encontrar as tendências espontâneas do outro que sejam úteis aos propósitos manipulatórios.

Na manipulação, importa mais a capacidade de encontrar sentido nas fraquezas passionais previamente existentes da vítima do que a capacidade de forçar sua vontade. Mas para tanto, faz-se necessário antecipar os resultados que a excitação das paixões provocará e escolher a paixão correta que resultará no resultado almejado. Trata-se de um cálculo em que um pequeno erro pode ser fatal.

A miopia em detectar os efeitos de uma paixão excitada pode fazer com que os mesmos sejam revertidos contra quem tentou desencadeá-los. Daí a importância, nos casos de legítima defesa em que devolvemos os feitiços e desarticulamos manipulações, de termos uma consciência penetrante e envolvente, que consiga captar os fatos com abrangência e profundidade para minimizar o risco dos efeitos colaterais e, ao mesmo

tempo, sermos altamente resistentes ao contra-impacto magnético do manipulador que estiver sofrendo os efeitos do retorno especular.

O contra-impacto magnético é o efeito colateral da tentativa de fascinação e pode surgir como reação consciente de defesa legítima por parte daquele que está recebendo o contra-feitiço. Somente a fortificação da vontade por meio da morte dos egos confere resistência contra o mesmo.

Quando o manipulador se depara com uma pessoa resistente ao seu magnetismo, sente-se impotente e é atingido pela antipatia. O caminho para não termos nossas crenças manipuladas é isolar o manipulador em suas tentativas de manipulação, para que ele perca o seu tempo com vãs tentativas solitárias.

6. A natureza da paixão

A essência da paixão é a necessidade. Aquele que está apaixonado necessita do objeto de paixão e não suporta a sua falta.

O objeto de paixão sempre é visto como superior pelo apaixonado e jamais como inferior ou igual. Daí sucede que o repúdio intensifica o desejo do repudiado.

Desejamos aquilo que acreditamos necessitar, mesmo que seja apenas para o nosso bem estar. Não há desejo sem necessidade, ainda que apenas psíquica. Quando não desejamos algo, não precisamos daquilo. E se temos aversão, precisamos é do afastamento.

As mulheres amam alucinadamente os homens ricos, famosos e poderosos porque eles não necessitam delas. Os homens desejam ardentemente as mulheres lindas porque elas não necessitam deles.

Sabendo disso, há pessoas que manipulam as paixões alheias e submetem o próximo a torturas emocionais. Através das atitudes, comunicam subliminarmente ao outro que estão em posições vantajosas e não necessitam de ninguém, inclusive no sentido afetivo-erótico. As pessoas que exercem sobre o sexo oposto atrações poderosas comportam-se como se tivessem à sua disposição, a qualquer momento, os seres mais interessantes e desejáveis do mundo. Deste modo, sugerem sutilmente, de maneira quase invisível: *"Não preciso de você porque disponho do amor e do desejo de pessoas muito melhores"*. O inconsciente das vítimas, então, acredita que estas pessoas altamente atraentes sejam quase sobre-humanas e escondam algum segredo maravilhoso, prazeres inimagináveis e amores inefáveis. Este é o motivo pelo qual as mulheres se lançam com tanta determinação na conquista de um homem quando sabem que ele dispõe de uma companheira maravilhosa, que todos gostariam de ter.

O processo de apaixonamento é o processo de instalação de uma crença através da imaginação exaltada: a crença de que o outro é infinitamente superior a nós e um caminho para a realização de todos os nossos sonhos.

Portanto, no jogo da paixão vence aquele que possui mais força interna e não se deixa fascinar.

A oscilação intencional entre atitudes opostas é uma artimanha do elemento ativo, apaixonador, para estimular a paixão da vítima até a loucura; é aplicada por meio de estratégias práticas que variam infinitamente.

As estratégias consistem, muitas vezes, em enviar sinais opostos ao inconsciente do elemento passivo de modo a confundí-lo e submetê-lo. Vejamos alguns exemplos:

1. Marcar um encontro, aparecer e tratar bem a pessoa de modo a encantá-la. No dia seguinte faltar e apresentar uma desculpa a tempo, antes que o elemento passivo se polarize na aversão.

2. Maltratar levemente o apaixonante e agradá-lo após algum tempo, antes que se polarize na aversão.

Aquele que tenta encantar sem ter a força interna necessária para resistir aos efeitos colaterais do encantamento é fulminado pelas forças que desencadeou. Se um homem quer fazer-se notar por uma mulher que o despreza, basta fazer algo que a desagrada. Será imediatamente notado e marcará a sua imaginação na proporção da ousadia do ato desagradável. O excesso na ousadia de tal ato ou um erro qualitativo na direção do mesmo, porém, será destrutivo a esse homem. Se, além de fazer-se notar, ele quiser aproximar-se dela, terá que contrabalançar o ato desagradável com atos favoráveis à mulher. A dosagem e a forma como os atos contrários se combinam somente pode ser determinada pela experiência, pelo

conhecimento específico da personalidade sobre a qual se opera e pelas circunstâncias específicas em que se dá a operação magnética.

Mulheres e homens experientes ou que sofreram muitas vezes com o apaixonamento, desenvolvem grande resistência ao encantamento. Administram os opostos à vontade porque não temem perder o parceiro. Dificilmente caem nas garras de elementos apaixonantes porque estão protegidos pelo ceticismo e duvidam do comportamento simulado do manipulador.

A superação da barreira manipulatória imposta pelos jogos de atitudes contrastantes é alcançada quando o fluxo hipnótico é devolvido ao emissor. A devolução requer:

1. que a vítima apaixonante perceba a intenção das estratégias do outro;
2. comporte-se como se não tivesse ciência do que se passa;
3. conquiste a independência interna (conseguindo ser indiferente tanto às manifestações de amor como de desprezo);
4. administre os sentimentos do apaixonador com suas próprias estratégias.

A vítima apaixonante é mantida constantemente na dúvida através das atitudes contraditórias do apaixonador. Um mistério é criado e mantido a todo custo por meio de atitudes incoerentes e contrastantes.

As atitudes de afastamento, geradoras de repulsão, nunca são extremas. São sempre tênues pois as atitudes extremas eliminam a dúvida na vítima e a tornam capaz de se decidir, optando pelo afastamento definitivo. O apaixonador luta por não se polarizar em nenhum lado.

O mais desapaixonado é o mais apto a jogar com suas próprias atitudes contrastantes de modo a confundir o outro a respeito de suas intenções e manter o mistério. Então a vítima será incapaz de tirar uma conclusão definitiva a respeito do que o outro sente e do valor que confere à relação por não ter parâmetros coerentes para julgar.

As atitudes são tomadas em função do que acreditamos e se os dados forem contraditórios, não conseguiremos acreditar se a outra pessoa nos ama ou nos despreza.

Não obstante, o manipulador sugere à vítima, sem lhe dar certeza, que a ama e não de que a odeia. Excita sua imaginação ao sugerir-lhe que seu anelo de ser amado pode ser satisfeito.

A mentira, sagrada lei regente das relações sociais neste mundo tenebroso, se mescla constantemente à verdade na fala e no comportamento geral do perigoso apaixonador.

A proteção é conseguida preservando-se a ciência de que as atitudes do apaixonador formam um conjunto de mentiras misturadas com verdades no qual não se pode acreditar e nem tampouco passar ao extremo oposto: o da descrença absoluta.

Há uma grande vantagem em sermos desapaixonados porque, deste modo, nos tornamos resistentes às tentativas de encantamento por parte de pessoas desonestas.

7. A apoderação da vontade alheia

26 de março de 2003

Todo o comportamento humano apresenta reflexos ou reações no outro. Tudo o que alguém faz possui a intenção de provocar sentimentos, pensamentos e ações nas outras pessoas. Quando cumprimentamos alguém, temos a intenção de fazê-lo crer que somos amigáveis e de sentir simpatia ou, pelo menos, evitar que sinta antipatia. Aquele que escarnece de uma pessoa, quer induzí-la a se enfurecer ou a se sentir diminuída. O bandido que aponta um revólver para sua vítima, quer induzí-la a sentir medo. Queremos ostentar luxo para que os demais sintam admiração ou inveja. A mulher que exibe seu corpo quer provocar desejo. Todos esses comportamentos, e quaisquer outros comportamentos sociais, são intencionais e manipulatórios pois visam forçar o próximo a cair em estados emocionais específicos. O ser humano, ainda inconscientemente, não age sem segundas intenções. Isso não é, em si, mau, desde que não sirva como meio para prejudicar o próximo ou atingir fins egoístas. As habilidades humanas devem ser empregadas para defesa legítima ou para benefício do próximo.

A identificação dos rumos assumidos pelos fluxos libidinais de alguém permite estreitamento da afinidade simpática[4]. Os fluxos libidinais são as fraquezas: amores, ódios, anelos e terrores. Uma vez identificadas, as fraquezas podem ser instrumentalizadas para dominação.

A instrumentalização acontece principalmente pela fala, mas também pela expressão facial e pelas atitudes.

Para roubar a vontade alheia, o manipulador precisa falar mal daquilo que a vítima detesta, elogiar aquilo que ela ama e dar-lhe segurança contra

[4] Atos de benevolência, por exemplo, costumam despertar gratidão em pessoas de boa índole e abuso em pessoas más. Enquanto o bom retribui, o malvado se aproveita do benfeitor e abusa dos benefícios.

aquilo que teme. Deste modo, o fluxo libidinal é intensificado pela junção de fluxos libidinais equidirecionados e cria-se uma cadeia magnética.

A eficácia do poder magnético é diretamente proporcional à vontade impressa no ato. Se o manipulador agir com vacilação, o elemento passivo não será magnetizado suficientemente.

Ao falar-se com intenso sentimento e concentração, imprime-se força à corrente magnética e esta aborve os fluxos da vontade alhia.

Em geral, aquele que quer se apoderar da vontade de alguém, costuma primeiramente estreitar sua afinidade simpática com esse alguém, como fazem alguns vendedores. Para obter tal estreitamento, as paixões necessitam ser identificadas. Em seguida, o espertalhão bendiz aquilo que a pessoa ama e maldiz o que a mesma detesta a fim de se encaixar perfeitamente na estrutura de suas paixões. Assim a afinidade simpática se estreita e se aprofunda até um ponto perigoso.

Uma vez que a cadeia esteja ativa, ou seja, que a simpatia tenha se aprofundado o manipulador se defronta com a dificuldade em controlá-la.

O controle é obtido ao se fazer o outro crer que realizará seus desejos ao adotar os comportamentos desejados pelo velhaco. A palavra joga um grande peso nesta etapa.

Uma vez que a vítima esteja aberta, em guarda baixa, é induzida a acreditar, através do diálogo, nas vantagens das atitudes que o manipulador quer que a mesma tome.

Mas nada disso será possível se a vítima estiver fechada à influência. O isolamento simpático atrapalha totalmente este trabalho e é, portanto, uma maneira de nos defendermos contra os charlatães.

O desejo mais intenso e profundo da alma de um homem, por mais sublime, altruísta e maravilhoso que seja, é seu ponto fraco principal, a

chave para sua perdição. Se um inimigo acenar com a possibilidade de satisfazê-lo, incendiará sua paixão e poderá levá-lo aonde quiser, enlouquecido. Por este motivo, as pessoas que nos agradam podem ser tão perigosas quanto as que nos desagradam. Pergunte-se: "Quais são os desejos mais intensos que possuo?". A resposta irá revelar os meios pelos quais sua vontade pode ser capturada e manipulada por um inimigo, tornando-o escravo.

8. O caráter auto-dominatório da manipulação

O processo dominatório é auto-propulsor. Na verdade, não é, em última instância, o manipulador que domina o outro: o elemento passivo é dominado por seus próprios complexos (defeitos ou egos). Ao ativar suas fraquezas passionais, o criminoso apenas atua como simples agente facilitador e intensificador de um processo que já existia.

Na manipulação, o charlatão não impõe seus caprichos, anelos e metas contra a vontade da vítima mas, ao contrário, confere às suas vontades, já existentes, uma utilidade. Não a força a ir contra si mesma: a joga de cabeça em seus próprios desejos, sonhos e loucuras. Isto é sempre um crime contra a alma e contra o livre-arbítrio que apenas em casos especiais de legítima defesa se justifica[5].

Para encontrar sentido nas tendências alheias é preciso imensa experiência com o trato humano e conhecimento da singularidade do elemento passivo. O manipulador descobre, nas tendências alheias, convergências com suas metas e não tenta impor, a partir de suas metas, a tendência a ser excitada. Entretanto, tudo dependerá do objetivo. Se for sua intenção destruir ou abusar do próximo, o que é infelizmente o mais comum, algumas paixões específicas terão que ser ativadas. Nos casos em que a intenção é ajudar, outras serão as paixões excitadas. Ativar o gosto pela vida em um candidato a suicida é uma boa ação.

A partir de certos comandos específicos, as emoções impelem necessariamente as pessoas em certas direções. Para conduzí-las inconscientemente nessa mesma direção, basta que se conheça os comandos corretos e os aplique. A manipulação depende da aptidão de identificar as tendências que, inversamente à aparência, levem o elemento passivo ao encontro dos objetivos. Este é o ponto mais difícil. Uma vez identificada a

---

[5] Por legítima defesa entenda-se: o ato de desarticular as manipulações de uma pessoa mal intencionada.

tendência correta, tudo flui facilmente mas o trabalho de identificação nem sempre é fácil, requer grande experiência com o trato humano e conhecimento da natureza específica da pessoa a ser manipulada.

Os principais paixões determinantes de um processo manipulatório são as aversões e os desejos. As aversões correspondem a medos e ódios; os desejos correspondem às cobiças, aos anelos e aos sonhos. Obviamente, todos os elementos psíquicos se entremeiam. As aversões promovem antipatia e os desejos promovem simpatia. A vítima sempre tende a crer mais facilmente naquilo que teme ou deseja.

Contra as forças internas, o homem é indefeso. Não é necessário, portanto, manipulá-lo de fora quando se sabe ativar os elementos internos que o levarão à meta almejada.

Respeitar o livre-arbítrio do outro é permitir-lhe o direito à auto-determinação, deixá-lo ser o que é e fazer o que quer. É respeitar os seus desejos ao invés de tentar fazê-los fluir ao contrário. Curiosamente, quando tal se verifica, a pessoa abre a oportunidade de ser dominada através de si mesma, infelizmente. Vemos então que os seres humanos estão permanentemente vulneráveis e expostos a menos que descubram e combatam suas fraquezas.

Pode-se corromper as pessoas por meio de suas más inclinações previamente existentes. Para tanto, basta que o manipulador as acenda por meio de palavras e gestos. Felizmente, pela mesma via podemos regenerá-las. Entrar em sintonia com aquele que se pretende dominar é ser capaz das mesmas atitudes e falas às quais o mesmo está inclinado. A maleabilidade exigida se consegue apenas por meio da morte dos egos. Aquele que não tem paixões não tem expectativas fixas, rígidas e previamente estabelecidas com relação ao próximo e por isto pode instrumentalizar para seus fins as tendências comportamentais alheias. Obviamente, se o ego estiver morto os fins não serão egoístas e nem passionais.

Por desgraça, é muito mais fácil excitar a paixão alheia para o mal do que para o bem pois o mal corresponde às tendências reprimidas. O mal corresponde aos desejos proibidos, os quais possuem enorme carga libidinal contida. O conhecimento da disposição do outro é indispensável e é obtido por meio da observação.

O rigoroso cuidado posto sobre a nossa morte psicológica nos torna imunes aos efeitos hipnóticos e contra-hipnóticos que as operações desencadeiam, nos permitindo fazer frente aos charlatães e velhacos manipuladores, devolvendo-lhes influências. Sem a morte dos desejos somos vitimados pelas forças fascinatórias que ativamos ou que tentam ativar em nós.

Ao lidarmos com pessoas extremamente perigosas, complicadas ou difíceis, temos que aprender a nos mover entre suas paixões. *"Colocar-se na mesma corrente de pensamentos que um espírito"*, como escreveu Eliphas Lévi (1855/2001), é ser capaz de simular semelhança e convergência de propósitos. *"Manter-se moralmente acima do mesmo"*, é estar isolado da mesma influência e não ser atraído pelo mesmo objeto. Em outras palavras: simular um comportamento com o cuidado de não ser absorvido e dominado por este comportamento, reforçar as idéias do outro sem ser magnetizado por elas.

Tudo se resume em estar interiormente livre para permitir o curso das paixões alheias sem ser afetado e nem arrastado pela corrente que se cria mas, ao contrário, arrastando-a.

Os maus necessitam do sofrimento dos bons para se satisfazerem. Empreendem imensos sacrifícios para prejudicá-los e até mesmo se expoem a riscos. Quando não conseguem atingir este intento, sofrem emocionalmente pois a energia maligna que criaram dentro de si não encontra receptáculo fora e retorna ao seu ponto de partida, podendo inclusive provocar-lhes doenças. É deste modo que os bons atormentam os

maus. Logo, é uma grande vantagem sermos superiores aos malvados e o conseguimos quando somos impenetráveis ao medo, ao ódio, aos afetos, aos apegos e a todas as paixões. Quando dissolvemos os egos, nos tornamos imunes a todo feitiço e encantamento por não sermos mais o pólo reativo contrário receptor do magnetismo mas sim emissor. Seremos um espelho que refletirá e devolverá exatamente aquilo que nos for lançado. Se nos lançarem feitiços de dor (insultos, ameaças, impropérios, ódio etc.), não sofreremos e esta dor retornará ao seu ponto de partida. Se nos lançarem encantamentos de prazer (tentativas mal intencionadas de sedução por meio de elogios, manipulações amigáveis, insinuações sexuais etc.), não nos envolveremos e nem seremos encantados, fazendo com que o manipulador caia na frustração e sofra por não alcançar seu propósito. Nossa aura repelirá as pessoas malvadas.

Do ponto de vista moral, o contra-feitiço e o contra-encantamento são justos porque são legítimas defesas. Não há nada de errado em defender-se das investidas de um manipulador para devolver-lhe as exatas consequências internas de suas próprias atitudes e os decorrentes venenos que haviam sido destilados e destinados para nós. O erro está em tomar a iniciativa de enfeitiçar ou encantar, ato que sempre se deverá à cobiça e aos desejos egoístas. Eis porque devemos perdoar, resistir internamente às influências hipnóticas e não reagir às provocações, insultos, humilhações, ameaças, perseguições etc. Entretanto, resistir às influências hipnóticas nem sempre significa ausência de ação[6] pois há casos em que é impensável manter-se de braços cruzados e compactuar com a injustiça e com o massacre dos inocentes e indefesos.

Se você for capaz de ir contra si mesmo (suas rígidas estruturas de pensamento e sentimento), aceitando as metas, pontos de vista e ações absurdas de seu manipulador sem, entretanto, com elas se identificar,

[6] Mas significa exatamente isso muitas vezes. O caminho é o ensinado por Gandhi, Budha e Cristo: a não-ação e o boicote à maldade.

poderá excitar suas paixões e levá-lo a se auto-destruir, como uma pessoa que é atingida na cabeça pelo próprio bumerangue que lançou.

9. A singularidade comportamental do elemento passivo

Em 16 de maio de 2003

O manipulador toma o cuidado de interagir de acordo com o temperamento particular de cada pessoa pois a tendência à generalização pode levá-lo a erros fatais.

Observador atento, acompanha os nossos passos e vai compreendendo como sentimos, pensamos e agirmos para nos tomar por nossas loucuras. Contempla nossas peculiaridades psíquicas na tentativa de compreender nossos padrões comportamentais de ação e reação ante os fatos.

A preocupação com a singularidade comportamental do elemento a ser manipulável se deve a uma necessidade de o manipulador não atrair contra si um fluxo imprevisto da corrente magnética que pretende desencadear. O desconhecimento da singularidade, efeito nefasto da tendência à generalização, impede a presciência da totalidade das reações a desencadear.

Quanto mais profunda e abrangente for a presciência das reações a serem desencadeadas a partir de ações do manipulador, mais exatamente ao encontro dos seus interesses irão os resultados. O poder de manipulação do outro ocorre na proporção direta da profundidade-abrangência do conhecimento de suas reações mecânicas aos acontecimentos. Quanto mais o manipulador conhecer sua vítima, mais poder sobre ela possuirá.

Mas o conhecimento concreto e seguro é singularizante, daí o cuidado com as generalizações. O manipulador hábil não atua na incerteza a respeito de como o outro reagirá.

Para despotenciar e confundir um manipulador hábil e deste modo nos defendermos, temos que dissolver os egos. Ao fazê-lo, eliminamos as reações mecânicas e padronizadas, induzindo o observador ao erro. Ao nos

estudar, o usurpador de vontades tirará conclusões errôneas a respeito dos nossos padrões de ação e reação. Então ficará surpreso ao perceber que não reagimos como ele havia previsto. Tentará repetí-lo outras vezes mas sempre ficará desconcertado com a ausência de padrões reativos.

Deste modo, ou seja, pela morte dos egos, impedimos o manipulador de penetrar em nossa individualidade.

A observação e a interação com a vítima permite a identificação seus temores e desejos específicos e gerais, principais e secundários. Uma vez identificadas tais fraquezas, o manipulador as excitará até níveis insuportáveis para que suas nefastas consequências se façam sentir.

10. O uso da simpatia da maioria dos elos de uma cadeia por homens vis

As correntes magnéticas são instrumentalizadas habilmente por uma categoria especial de homens vis: os covardes que fogem de todo confronto individual solitário com um rival e travam embates somente diante da vista de várias pessoas. Os tenho encontrado em vários ambientes.

A presença de um grupo expectador previamente e inconscientemente cooptado fornece refúgio e nutrição energética ao covarde. O significado que sua figura possui para a coletividade funciona como uma arma que pode ser instrumentalizada para endossar seus ataques contra uma infeliz vítima desconhecida entre a multidão. Sua posição privilegiada (por ser um líder ou uma autoridade, ainda que de modo não assumido) lhe permite dispor do fluxo energético da maioria dos presentes para endossar a força de seus golpes.

Esse reforço é conseguido pela simpatia. O covarde especialista em combater sob observação dos outros sugere à multidão, de modo imperceptível, que as idéias que ele defende convergem perfeitamente com as idéias da coletividade presente. Deste modo, há um reforço no substrato energético emocional da fala pela identificação inconsciente das pessoas presentes com o que o velhaco defende. Uma rápida observação permite flagrá-lo no ato de dar a entender aos ignorantes que suas idéias e as destes últimos são exatamente as mesmas. Assim advém um incremento artificial da energia.

Além disso, se valem da preocupação da vítima solitária com sua própria auto-imagem. Jogam com esta fraqueza todo o tempo e a dominam desviando sua atenção para a preservação da auto-imagem ao fazê-la a sentir que a mesma está sendo arranhada ou destruída. Podem se valer de várias ferramentas para induzir seus oponentes à timidez e ao medo (erudição, menção a nomes de obras literárias ou autores consagrados pelo grupo presente, menção a títulos, a cargos, a nomes de alguma família

importante à qual pertença, amizades que possua com figuras importantes da sociedade etc. etc. etc.) e no consenso coletivo de que as mesmas são sinais de superioridade, sabedoria e conhecimento verdadeiros.

Em geral, essa classe de eunucos do entendimento foge aterrorizada de embates individuais. Sozinhos, são raquíticos e indefesos. Quando os desafiamos, tentam a todo custo trazer a luta para a esfera coletiva, seu terreno, pois não possuem força própria, se valendo apenas das forças alheias para interagirem com rivais.

Um modo de despontenciá-los é sermos mais simpáticos do que eles com a massa de pessoas hipnotizadas. Além disso, podemos forçá-los a cair em descrédito atraindo-os, através de suas paixões, para alguma atitude que quebre a simpatia da imagem sobre a qual seus poderes repousam (induzi-los a perder o controle e a nos atacar furiosamente, por exemplo).

Um modo de atormentá-los a níveis insuportáveis é sermos superiores a eles em profundidade e nobreza de espírito, fluxo de idéias e sofisticação da palavra. Se agirmos assim e tais atributos forem simpáticos à comunidade que lhes dá sustentação, os forçaremos a cair em desespero devido à perda de um ponto de apoio e fonte de alimentação. Eles então começam a atingir a si mesmos.

Em qualquer cadeia magnética os encontramos. São sempre aqueles que conseguem se apoderar rapidamente da vontade dos demais sem serem detectados. Os fantoches, manipulados, acreditam que possuem vontade e atitudes próprias mas, na verdade, simplesmente atendem aos interesses do manipulador.

11. O magnetismo nas polêmicas

24 de novembro de 2002

Nos vários diálogos que tive com certos tipos de intelectuais[7] observei que o poder dos mesmos se encontrava mais na indução de insegurança, ira e confusão no outro do que na coerência das idéias que defendiam. Observei também que tendem a relutar em ir para o confronto direto, incisivo e concentrado, preferindo desconcertar o interlocutor com indiretas que o deixem na dúvida a respeito de estar ou não sendo atacado.

As armas mais proeminentes que verifiquei foram o sorriso cínico associado à calma e à fala debochada não assumida. São elementos que parecem sustentar-se na sensação auto-induzida de se estar no controle da situação e que possuem grande poder magnético de indução e grande impacto emocional em pessoas abertas e indefesas.

Ao ser o interlocutor forçado a cair em estados emocionais desfavoráveis, seu fluxo de idéias sofre uma interrupção, o que o leva a girar em círculos à procura da melhor reação, das melhores frases a serem ditas e das melhores idéias a serem expressas.

Para nos protegermos e refratarmos esse fluxo de força é imprescindível mantermos a calma ao máximo, relaxando enquanto aplicamos uma sobreposição concentrada de nossa idéia com descarte total das ludibriadoras idéias e falas alheias. Assim raptamos ao intelectual a sensação de controle e firmeza que induziu a si mesmo como ponto de apoio.

O fundamento da sobreposição concentrada da idéia é a colocação do nosso ponto de vista durante as pausas no monólogo que o intelectual pretende instalar aliada à manutenção de uma ausência total de reação

[7] Refiro-me a velhacos sofistas e não aos estudiosos sinceros.

interna às suas tentativas indutórias e hipnóticas. A grande dificuldade é manter a mente quieta e sem interrupção do nosso fluxo de idéias.

O melhor momento para desferir os ataques é durante as pausas que o oponente realiza para respirar ou para organizar as idéias. Entretanto, se o velhaco do intelecto for muito louco, daqueles que gritam sem pausas, talvez tenhamos que cortar sua fala ao meio, falando simultaneamente.

Segundo a compreensão média, comum e corrente, aquele mais ataca durante uma discussão é o vencedor. Os leigos pressupõem que aquele que fala muito sabe mais e possui mais informações do que o oponente, ainda que fale apenas besteiras. Entretanto, a prática de muito falar é desgastante. O melhor é deixar que o oponente fale bastante para se cansar e, de tempos em tempos, atacá-lo fulminantemente em suas pausas. Use um tom de voz imperativo, dominante. Não corra atrás dos erros e enganos de seu oponente e nem tampouco alimente a ilusão de poder levá-lo a reconhecer seu erro. Não perca tempo na defensiva. Se quiser explicar suas razões faça-o de forma direta, sem perseguir a fala de seu inimigo.

Devemos desenvolver a capacidade de encontrar as respostas a serem ditas sem preparo prévio, como se faz no Jeet Kune Do com os movimentos do corpo, no Jazz e no Flamenco com as frases musicais.

A parada psíquica resulta da tendência em ficarmos procurando a melhor resposta ou reação ao momento. O caminho da superação é o de iniciarmos emitindo respostas errôneas ao mesmo tempo em que as vamos corrigindo progressivamente. Para tanto, convém encontrar situações de treino altamente realistas nas quais os erros possam ser cometidos ilimitadamente mas sem risco real para nossa integridade (para o boxeador seria o sparring, para o músico seriam os ensaios).

As respostas corretas existem previamente em nossa psique inconsciente. A dificuldade reside em extraí-las pois, durante as discussões, nos paralisamos ao tentar criá-las.

Nas discussões há um forte substrato emocional que é preponderante na definição de seus desfechos. Ao contrário das aparências em que todos acreditam, o que determina quem as vence é a convicção de estar com a razão e a capacidade de ser mais frio, direto e objetivo do que o outro. Preocupe-se em ser superior ao seu oponente em calma e frieza. Deixe que ele enlouqueça. Esteja presciente contra reações violentas e as receba com naturalidade. Não se deixe ser atingido por gritos ou tentativas de humilhações.

As discussões são jogos: cada uma das partes tenta atingir a outra ao máximo e ser atingida ao mínimo.

Há vários egos que nos tornam vulneráveis: a preocupação com o que o outro pode estar pensando, o desejo de fazê-lo reconhecer seus erros, o medo de sermos expostos ao ridículo, a impaciência ante suas rajadas de palavras etc. etc. etc. Todos nos vulnerabilizam e conduzem à parada psíquica.

Os defensores de idéias absurdas, velhacos que odeiam a verdade e amam a mentira, trabalham com a desconcentração: impedem que o pensamento do interlocutor oponente se concentre. Ao impedir a concentração do pensamento, desarticulam a análise concentrada, fragmentando-a. Para induzir a desconcentração fragmentadora da análise, abordam muitos assuntos simultaneamente sem nenhuma profundidade. É por isso que muitas vezes a pessoa que defende a idéia mais coerente é a que perde a discussão.

O poder magnético da fala do charlatão atrai a atenção do interlocutor oponente e arrasta seu pensamento para múltiplos temas que nenhuma

importância possuem para a compreensão do ponto específico levantado mas que são eficientes para confundir a análise e criar no outro a necessidade de se explicar, de tentar corrigir erros, desfazer mal-entendidos etc. Ao "correr atrás" das bobagens ditas pelo espertalhão, o oponente sincero cai em uma armadilha: é atraído para a análise fragmentada e superficial que aborda simultaneamente muitos pontos sem penetrar em nenhum. É assim que as falhas lógicas, incoerências, falácias e sofismas se preservam. É assim que perguntas desaparecem sem terem sido respondidas. É o caos dialógico, o pandemônio de idéias, a confusão que favorece a mentira, o engano.

Combatemos esta artimanha com a concentração da atenção e do pensamento na análise que estamos realizando, sem nos deixar desviar u distrair, a despeito de todas as provocações, desafios etc. Costuma dar resultado o procedimento de ignorar totalmente as asneiras que o oponente diz e ir colocando nossa idéia aos poucos, como se fôssemos absolutamente surdos às tentativas de indução de desconcentração, desvios e distrações. Jamais corra atrás do que lhe for dito, na vã esperança de que erros do velhaco possam ser reconhecidos. Quando as rajadas de palavras forem disparadas, deixe-as sair, aguente e aguarde calmamente. Não perca seu tempo correndo atrás delas pois é isso o que seu oponente deseja para confundí-lo. Obviamente, ele terá que parar para respirar e, neste momento, você faz suas colocações, as quais devem ser incisivas, sintéticas, diretas, curtas e fulminantes. Nos casos extremos em que o manipulador fala e grita como uma cachoeira, sem interrupções, podemos falar simultaneamente. Em algumas situações, podemos calá-lo somente olhando fixamente em seus olhos de forma determinada, quase ameaçadora, se conseguirmos instalar o estado interno correto. O olhar e a voz possuem enorme peso na emissão e na devolução dos feitiços e encantamentos por serem hipnóticos e anti-hipnóticos ao mesmo tempo.

Algumas poucas (muito poucas!) vezes, você pode extrair do lixo dito por seu adversário alguma idéia para tecer um comentário destrutivo e confundí-lo.

O que importa, aqui, não é fazê-lo compreender nada mas sim cumprir nossa parte, esclarecendo nosso ponto de vista (ato que pode ter o efeito de confundí-lo), pois somente podemos fazer compreender erros àqueles que desejam compreendê-los e não àqueles que desejam defender suas idéias. É perda de tempo tentar fazer um polemizador compreender algo. Divirta-se em vê-lo perdido e estonteado.

Para resistir à rajada de palavras, é importante não se identificar com as mesmas. Resista ao magnetismo fatal da voz humana.

Antes de tudo, é necessário um estado interno correto que se caracteriza por frieza, incisibilidade, objetividade, impiedosidade, adaptabilidade, flexibilidade e calma. O estado interno correto vem antes mesmo dos argumentos.

Em polêmicas, os intelectuais sempre costumam impedir a exposição das idéias opostas às suas por meio de seguidas intervenções que afastam o pensamento do núcleo da análise, evitando seguir o curso do raciocínio que expomos, nos interrompendo a todo momento com observações e perguntas que embaralham as idéias etc. Esta prática tem como efeito confundir. Falam e pensam rápido, para confundir. Rejeitam totalmente a análise calma e imparcial. Temem se exporem ao confronto sozinhos e necessitam da segurança proporcionada pelas cadeias magnéticas que criam e comandam. A estratégia que utilizam para vencer as discussões é levar o oponente a se perder na confusão de sentimentos caóticos, induzindo-o a ficar possesso por emoções como ira, medo, vergonha etc. Para vencê-los, sempre tive que fazê-lo psicologicamente, dominando-me, ou seja, vencendo a mim mesmo para em seguida vencê-los por extensão.

Podemos sintetizar os mecanismos sabotadores de análise nas polêmicas do seguinte modo:

- intervenções que afastam a atenção e o pensamento da questão principal em discussão;
- intervenções que tem o efeito de atingir o sentimento, confundindo;
- intervenções múltiplas, contínuas e rápidas que não permitem que o pensamento do interlocutor seja exposto e acompanhado;
- utilização de voz alta para provocar medo;
- alusões a aspectos delicados da vida pessoal do interlocutor;
- tentativas de diminuir e envergonhar o intelocutor mediante o apelo a titulações e fatos econômicos.

Precisamos ser absolutamente impenetráveis a todas as formas de feitiço apontadas cima. Nenhuma deve ser capaz de afetar nosso ânimo. Se nos mantivermos firmes e inacessíveis como uma rocha enquanto expomos nossas idéias, ignorando totalmente as falas inúteis do manipulador, seu feitiço será lançado de volta, pela lei do movimento especular, atingindo-o. Então o veremos surtar loucamente atingido pelo ódio, pela vergonha, pelo medo e por outros estados internos maléficos que haviam sido destinados a nós mas que repelimos.

Uma *conjunctio* de fúria e calma se faz indispensável. A destrutividade do espírito de combate necessita ter seu lugar na alma, do mesmo modo que a amabilidade e a doçura. Todas são funções psíquicas que não podem ser dispensadas. Em polêmicas graves, um dos segredos é uma espécie de raiva intensa porém controlada e direcionada. Olhe seu oponente nos olhos com fúria, sem medo, como em um combate. Porém

sempre avalie as consequências posteriores que tal confronto possa ter. Nunca é saudável ter inimigos porque, se os vencemos, eles não nos esquecem e prosseguem nos perturbando, reunindo forças contra nós etc.

Certos charlatães materialistas dogmáticos, céticos unilaterais, ortodoxos conservadores, fanáticos religiosos e outros sofistas inimigos da verdade[8] rejeitam o estudo metódico por inquirição em estilo socrático. Tentam convencer confundindo ao invés de buscarem convencer esclarecendo porque vencer as discussões é sua meta única e maior, pela qual estão apaixonados. Não almejam estudar e compreender em comunhão com o interlocutor. Rechaçam o estudo sincero imparcial e a compreensão dos temas sob o ponto de vista alheio. Quando os pontos nevrálgicos de suas teorias são tocados por perguntas incisivas, lançam mão de estratégias ludibriadoras para distrair o inquiridor: falam muito ou lançam vários questionamentos recheados por termos provocativos com o intuito de desviar a atenção dos pontos fracos de suas hipóteses para assim mantê-los ocultos. Quando encurralados, se enfurecem para amedrontar (característica animal). Em última instância, estão comprometidos em defender as próprias idéias e não se interessam em estudar.

A disposição que os sofistas possuem para o estudo verdadeiro é apenas parcial, relativa, pois a sustentam somente até o momento em que as falhas lógicas nos pontos nevrálgicos de suas teorias são expostas. A partir daí a disposição para o estudo termina. Não possuem preparo psicológico para os desconfortos da análise e carecem de uma capacidade fundamental em qualquer analista: a de trocar de ponto de vista continuamente.

Infelizmente, no meio acadêmico de muitos países eles ainda são maioria. Acreditam-se donos da ciência e rejeitam a filosofia e a religião, ignorando que filosofia, ciência e religião se tornam desvios aberrantes quando divorciados. Como dominam os aparatos oficiais de elaboração de

conhecimento e contam com a legitimação do poder, desde tal posição difundem a ignorância sob disfarce de sabedoria na sociedade. Aliás, a priorização de seus compromissos políticos e econômicos em detrimento da verdade provém desta posição.

Podemos concluir, assim, que os sofistas charlatães defendem suas mentiras por serem estupidamente ignorantes ou talvez, na pior das hipóteses, por serem terrivelmente mal-intencionados. Assim opera neles o magnetismo.

Observemos como se discute com charlatães em geral. Devemos nos ater ao ponto nevrálgico que dá origem à discussão e resistir a toda investida fascinatória que possa nos distrair e desviar o rumo da análise.

Os charlatães necessitam, pela própria natureza de seus objetivos desonestos, impedir a análise esclarecedora e instalar a confusão, já que é somente assim que mentiras e hipóteses mal elaboradas podem resistir. Para tanto, costumam principiar a discussão em torno de um ponto e em seguida inserem, propositalmente, muitos outros pontos na discussão para torná-la caótica. Estes pontos inseridos astuciosamente aparentam ter ligação com o tema estudado mas na verdade apenas se destinam a distrair e confundir o pensamento, gerando o que chamo de caos dialógico. Este caos dialógico então camufla as incoerências e falhas lógicas dos raciocínios falaciosos fazendo as mentiras parecerem verdades e as verdades parecerem mentiras.

É por esta razão que os juízes não permitem discussões em tribunais, mas apenas inquirições, pois sabem muito bem que as piores pessoas costumam ser as melhores na arte de ludibriar. É pela mesma razão que os filósofos antigos decidiam antecipadamente quem iria perguntar e quem iria responder.

---

[8] Refiro-me a fanáticos extremistas e não aos representantes sensatos e lúcidos das várias correntes de pensamento materialista ou espiritualista existentes. Em ambos os lados há pessoas conscientes e insensatas.

Combate-se facilmente tais artimanhas por meio da concentração e da recordação de si mesmo. Primeiro: deve-se capturar o ponto nevrálgico da discussão e não largá-lo de maneira alguma. Segundo: deve-se resistir a todas as tentativas de indução de fascinação e distração. É indispensável jamais correr atrás dos equívocos manifestados pelo opositor na tentativa de fazê-lo compreender e admitir seu erro pois é exatamente isso o que ele quer. Ao perder o tempo tentando convencê-lo, você se distrai e deixa de aprofundar o ponto que o espertinho quer manter oculto.

Os charlatães sofisticam-se na arte de fascinar e distrair. Enquanto estão conseguindo fascinar, estão no comando, manipulando as crenças, sentimentos e pensamentos do opositor. Se, entretanto, este se torna refratário às fascinações, isto é, se passa a ignorá-las totalmente e continua em seu pensamento, a tentativa de indução de sentimentos fracassa totalmente. Então acontece algo curioso: o velhaco é atingido pelo fluxo de energia fascinatória que criou na mesma proporção de seus esforços para nos fascinar. Quanto maiores os esforços para manipular nossos sentimentos, maior a frustração ao não conseguí-lo. Então vários sentimentos negativos o invadem, do mesmo modo que seríamos invadidos caso não houvéssemos fechado a passagem ao fluxo magnético.

.

12. A dinâmica psicológica do encantamento e da feitiçaria

Em 25/07/00, 31/07/00 e 09/11/00

O que os supersticiosos chamam de *enfeitiçamento* corresponde, psicologicamente, à fascinação da consciência. Ambos serão considerados aqui como uma só coisa e não como duas coisas análogas.

O enfeitiçamento é uma forma de fascinação extremada, exarcebada. Por isso os feiticeiros necessitam da crença de suas vítimas em seu poder de matar ou fazer adoecer.

Uma pessoa absolutamente cética é imune ao poder de um feiticeiro. Se um cético for enfeitiçado, isso indica que seu ceticismo não foi absoluto, que houve uma vacilação inconsciente.

O mesmo processo se verifica na sedução. Uma mulher é invulnerável ao poder de um sedutor quando não crê que ele tenha algo que lhe interesse e, por extensão, o poder de atraí-la.

Entretanto, algumas vezes cremos estar invulneráveis ao poder de alguém em um primeiro momento e, em outra situação, o surgimento de algo novo e ainda não conhecido por nós faz a convicção anterior ruir. Então ficamos vulneráveis.

O encantamento requer o conhecimento prévio das debilidades de quem vai ser encantado. Não é possível que alguém seja encantado em uma direção contrária à de suas fraquezas.

O encantamento apenas ocorre na direção das fraquezas previamente existentes, sejam elas conscientes ou inconscientes. Trata-se, portanto, da instrumentalização ou aproveitamento de impulsos que já existiam: uma forma perversa de se aproveitar das fraquezas do próximo e violentar seu livre arbítrio.

O encantador identifica e excita os impulsos e instintos em sua vítima até levá-la a um estado alterado de consciência. A profundidade da alteração dependerá da natureza de cada um e do grau de exposição.

Todos temos fraquezas. Essas fraquezas correspondem à nossa fascinação louca por algumas coisas em detrimento de outras. Os objetos dessa fascinação são os instrumentos de submissão a um inimigo astuto.

Os crimes e as matanças que assolam o mundo se devem à fascinação da consciência por um objeto, um alvo, uma meta. É o maior perigo psíquico que pode nos acometer porque é a debilitação da vontade levada ao extremo.

O poder do feiticeiro consiste em fazer com que sua vítima entre em um estado alterado de consciência através do medo[9]. Seus ritos visam aumentar o poder de impressionismo e impactar psiquicamente o inimigo[10]. O poder é intensificado quando o bruxo se entrega a uma possessão por complexos autônomos altamente densos.

Após inúmeras crueldades e tormentos inflingidos a si próprio e a outras pessoas ou animais, o bruxo realiza dentro de si o mal. Então, possesso, comunica a sua vítima o que fez por canais conscientes ou inconscientes. Sua expressão, entonação vocal, gestos corporais e atitudes horríveis impactam a vítima emocionalmente e debilitam sua razão e vontade. A mesma se abre a suas influências "diabólicas" e sofre igualmente uma possessão por elementos psíquicos inumanos que jaziam em seu inconsciente. Ocorre um choque psicossomático. A pessoa somatiza violentamente o medo e morre ou adoece.

---

[9] Temores que tenhamos são aberturas por onde nossa imaginação pode ser ferida.

[10] Nos casos em que a vítima está distante, o cerimonial do feitiço atua de forma direta somente sobre a vontade do operador. Este, por meio da concentração e da vontade, cria formas mentais e em seguida as envia, através do espaço, até os inimigos distantes. É um processo por meio do qual o feiticeiro se auto-envenena para ferir e matar. Caso a força destrutiva gerada seja repelida pelo alvo, retornará para quem as enviou.

A primeira solução para não ser vulnerável à bruxaria é não temê-la. Por isso os religiosos devotos são invulneráveis. Entretanto, se esse os mesmos forem fanáticos, serão vulneráveis aos encantos e maldições de sua religião, podendo ser por eles encantados, manipulados e atingidos.

A fascinação brutal da consciência corresponde aos *perish of soul* estudados por Jung. A pessoa perde sua "alma" habitual e é possuída por outra "alma" demoníaca, ou melhor, um pedaço fragmentado e autônomo de alma que aguardava nas profundidades de sua própria psique para se manifestar. A consciência é violentada por um primitivo e grotesco agregado psíquico do inconsciente.

Não há nisso nada de místico, fantástico ou mágico. São fenômenos empiricamente constatáveis.

Em pequena escala, o encantamento está presente em nosso cotidiano a todo momento.

As palavras que emitimos, as roupas que usamos e tudo o que fazemos possuem o poder de provocar nos demais determinados sentimentos dos quais não podem fugir. A palavra, os assuntos abordados e conversas, a entonação vocal, as atitudes e os olhares são meios de instalação de afinidade simpática com elementos psíquicos que habitam o interior da psique e aguardam por uma oportunidade de expressão.

Todos somos, de um modo ou de outro, vítimas das circunstâncias. Elas definem o que iremos sentir e pensar e até fazer. Isso prova que somos enfeitiçados a todo instante.

Quando alguém nos ofende, não temos normalmente o poder de não nos sentirmos ofendidos: estamos enfeitiçados.

A fascinação ocorre sempre com a colaboração inconsciente da vítima. Ela a sofre por não saber como se isolar das forças hipnóticas do outro.

Quando duas pessoas com desejos do mesmo tipo se unem, a de maior vontade absorve e manipula a vontade da mais fraca e a domina. O mesmo fenômeno se verifica em círculos sociais de vários tipos. Sempre há uma hierarquia de poder na absorção da vontade alheia. Esses são outros modos de encantamento.

Todo ato é fascinador e hipnótico porque provoca efeitos na psique do próximo. O poder das caras feias e palavras hostis em causar desconforto é uma prova disso.

Há uma dinâmica hipnótica nas relações sociais. Os homens tendem a reagir mecanicamente uns aos outros. Não são poucas as vezes em que somos forçosamente induzidos a ter emoções indesejáveis. Contra a nossa vontade, somos lançados, a partir de atitudes alheias, a certos estados de sentimento.

A loucura e a exaltação passional são formas de embriaguês fascinatória.

Observando uma pessoa podemos saber em que direção flui sua libido. É nessa direção que se dá a queda da pessoa em uma loucura.

Entretanto, nem todo encantamento é mau. Há casos em que ele é benéfico. Ex: conversão religiosa de malfeitores.

Quando trabalhamos a nossa psique, o efeito fascinatório das imagens externas e internas diminui pouco a pouco sua influência. Então a força

vampirizada[11] nesse processo, desperdiçada em coisas inúteis ou até perigosas, pode nos servir para auto-curas e auto-regeneração interna.

Encantamento, enfeitiçamento, fascinação e hipnose são vários nomes dados a uma só coisa e não a coisas distintas e análogas.

Quando detestamos algo ou alguém estamos, sem o saber, negativamente fascinados ou hipnotizados por imagens ligadas a tais elementos.

Existe uma relação analógica entre os procedimentos mágicos e os seus resultados. Os ritos de feitiçaria e seus impactos sobre as vítimas possuem uma similaridade simbólica demonstrável pela análise cuidadosa. Isso aponta para a relação psíquica que há entre ambos. Ela se dá, em sua maior parte, em níveis inconscientes. Muitas vezes, o enfeitiçador e o enfeitiçado não se dão conta da complexa rede energética que os envolve através de palavras, sentimentos, pensamentos e atitudes. E é justamente isso que dá à magia uma aparência sobrenatural e mística pois aquilo que o homem não percebe objetivamente se torna altamente atraente para a imaginação fantasiosa. Mas, na verdade, a magia é uma manipulação de forças naturais inerentes ao homem.

---

[11] Os seres humanos são vampiros inconscientes. Os fortes atraem a força dos fracos, levando-os a se sentirem ainda mais fracos em sua presença; os inteligentes absorvem a inteligência dos ignorantes, levando-os a se sentirem estúpidos; as mulheres lindas fazem como que as demais se sintam inferiores. A culpa não é somente de uma das partes envolvidas no processo, mas de ambas, já que a pessoa vampirizada também colabora ao se deixar fascinar. O caminho para resistir a esta vampirização é não se deixar fascinar pela superioridade, paralisando a mente, mantendo-se a consciência focada em si mesmo e não se identificando com a presença do outro. Quebra-se, assim, a dinâmica da rivalidade e escapa-se da cadeia.

13. Emancipação do comportamento na condução das correntes magnéticas

Aquele que se coloca acima dos pueris sentimentalismos bons e maus escapa do alcance do entendimento e se torna incompreensível e imprevisível. Ao ser invulnerável à ira, será capaz de beneficiar e proteger quem o maltrata. Ao ser invulnerável ao medo, será capaz de afrontar quem o ameaça. Ao ser invulnerável ao desejo, será capaz de rejeitar as tentações que lhe forem oferecidas. E tudo isso será realizado somente quando a razão o determinar como conveniente. Estará no controle de si e de sua conduta. Não será manipulável, apesar de muitas vezes assim parecer. Não terá amigos ou inimigos: estará além dos pares de opostos. Terá a capacidade de fazerapenas o que lhe parecer acertado e não se deixará levar pelos impulsos.

Esses são os atributos da vontade livre: a capacidade de auto-domínio, de comandar a si próprio e de não ser comandado interiormente pelas situações exteriores. Se a liberdade da vontade for exercitada até extremos, a pessoa ultrapassa os limites humanos normais e é capaz de atitudes inimaginadas e singulares, que ninguém poderia nem mesmo imitar.

Uma pessoa assim não teme o sexo oposto, não o idolatra e nem o odeia. Seus sentimentos não podem ser manipulados por outras pessoas e, desta maneira, chega mesmo a comandá-las sem que elas percebam. Se for um homem, poderá, por exemplo, ralhar ou repreender uma mulher, pois não temerá o seu julgamento desfavorável, e simultaneamente será capaz de cuidar dela e de auxiliá-la, pois não se deixará tomar pela ira e nem será afetado pelas suas atitudes desagradáveis e provocativas, vingativas ou não. Será desconcertante e, portanto, misterioso.

Não se polarizará na relação como bonzinho, malvado, autoritário, democrático, dominador, submisso, frio, romântico etc. Estará além dos

pólos e dos jogos de opostos. Surpreenderá com frequência, já que quebra os próprios padrões.

Essas capacidades somente conseguimos com a dissolução do eu e a consequente liberação da vontade, antes condicionada sob a forma de desejos.

A condução da força magnética depende diretamente de dois fatores:

Do conhecimento das ações corretas e das reações que lhes sejam correspondentes consoante os objetivos que se tenha;

Da capacidade de se levar a termo tais ações, a despeito das influências magnéticas emanadas que tentem nos arrastar para outros padrões comportamentais. Em outras palavras: a condução consiste em fazer o que se deve e não o que se sente impelido a fazer.

O poder de auto-domínio nos confere poder sobre as correntes magnéticas que saturam o sistema nervoso das pessoas e provocam fortes compulsões passionais. Ao não permitirmos que as correntes nos dominem, somos capazes de tomar atitudes que as contrariam em situações nas quais, normalmente, seríamos obrigados a agir de forma oposta. Então é quando conseguimos provocar no outro sentimentos que em situações normais nos seriam impossíveis. Mas isso requer antes de tudo emancipação da vontade e tal poder somente pode ser exercido na proporção direta desta última. Quanto mais condicionada for a vontade, mais condicionado será o comportamento. Quanto mais condicionado for o comportamento, mais condicionada será a indução de sentimentos no próximo. Uma pessoa condicionada a trapacear os outros está condicionada a atrair o ódio sobre si. Uma pessoa condicionada a somente fazer o bem está condicionada a atrair abusos e exploração sobre si, já que não é capaz de sair deste condicionamento. Uma pessoa livre de ambos condicionamentos será capaz

de agir tanto de uma forma como de outra, conforme as necessidades que se apresentarem.

Se a condução não for legítma e justa, o operador será fulminado cedo ou tarde.

Conclusões

As paixões tornam o ser humano vulnerável. Os desejos são paixões e nos arrastam.

A mente do apaixonado está obsediada por elementários (larvas ou formas-pensamento).

O apaixonado não é dono de si mesmo, suas ações não lhe pertencem.

Não é lícito tomar a iniciativa de manipular o próximo. É lícito manipulá-lo em legítima defesa, ou seja, contra-manipulá-lo.

A contra-manipulação é uma forma de manipulação devolvida e, portanto, justa. É lícito desarticular tentativas de manipulação de nosso psiquismo por parte de outras pessoas.

Convém superar os medos e fraquezas para nos protegermos de tentativas de manipulação.

Nem sempre as pessoas simpáticas querem o nosso bem e nem sempre querem o nosso mal.

Nem sempre as pessoas antipáticas querem o nosso mal e nem sempre querem o nosso bem.

A força manipulatória flui no cotidiano.

O livre-arbítrio alheio deve ser respeitado.

O livre-arbítrio alheio é desrespeitado pelo manipulador.

A ação especular (ação refratária) devolve as conseqüências dos feitiços ao manipulador.

Evitamos que nossas crenças sejam manipuladas por meio do correto ceticismo.

A temperança, o equilíbrio, a serenidade e a sobriedade são muito mais recomendáveis do que a exaltação passional.

Referência:

LÉVI, Eliphas (2001). Dogma e Ritual de Alta Magia (Edson Bini, trad.). São Paulo: Madras. (Originalmente publicado em 1855). 5ª edição.

Sobre o autor

O autor deste livro NÃO É MESTRE de ninguém e NÃO ACEITA DISCÍPULOS. Ele NÃO É LÍDER DE NENHUMA RELIGIÃO.

Este autor é tão somente um LIVRE-PENSADOR independente, que não possui nenhum compromisso com quaisquer grupos políticos, sectários, religiosos, partidários ou econômicos. Suas idéias são PROVISÓRIAS e foram publicadas apenas para serem discutidas e aprimoradas. Não existe nenhum grupo, em lugar algum da Terra, que represente as idéias deste autor. Obviamente, existem grupos de pessoas inteligentes com linhas de pensamento semelhantes à dele mas tais grupos, definitivamente, não o representam.

Este autor NÃO QUER FÃS E NEM ADMIRADORES, quer somente leitores críticos e reflexivos.